

G

GAZETA
NOS
BAIRROSSOLON
BORGES

NOME É HOMENAGEM A EX-PREFEITO DE VITÓRIA

SOLON BORGES, NA REGIÃO DA GRANDE GOIABEIRAS, FOI INAUGURADO COM 300 CASAS POPULARES, QUE ERAM CHAMADAS DE POMBAL

TATIANA PAYSAN

Uma região tomada por areia preta e por mata de restinga, situada entre a Avenida Fernando Ferrari e o bairro de Maria Ortiz, em Vitória. Assim era Solon Borges, em 1967, ano que em que foi inaugurado. O seu nome é uma homenagem ao então prefeito de Vitória.

Os moradores mais antigos contam que o bairro foi construído para dar condições de vida dignas para pessoas que moravam em palafitas na região conhecida como Ponte Seca.

No local, foram construídas cerca de 300 casas pela Companhia de Habitação do Estado (Cohab). Elas eram chamadas de pombal, porque eram bem pequenas e tinham apenas uma porta na lateral e uma janela na frente.

Outra característica do bairro eram as ruas estreitas, que continuam dessa maneira até hoje. Quem lembra bem disso é

a professora Maria Helena Vervloet Poltronieri, de 63 anos, que era uma das poucas que tinha carro na época.

“Eu e meu marido levávamos os vizinhos para o hospital e, muitas vezes, a gente chegou a ficar atolado no areal”, contou a professora.

POUCOS MORADORES. Dona Maria Helena chegou a Solon Borges em 1967, assim que o bairro foi inaugurado. “Logo que cheguei, havia apenas cerca de 15 moradores por aqui. Era tudo uma área de vegetação e de areia preta, onde já havia sido mangue”, afirmou.

Ela também foi a primeira diretora da escola Bob Kennedy, que também foi a pioneira no bairro, de 1968 a 1972. A professora conta que conheceu de perto muitos presidentes que visitaram o bairro.

Um ponto do bairro com o qual dona Maria Helena tem muita ligação é a igreja do bairro, a Pa-

róquia da Ressurreição. “Sou muito ligada à igreja, que é um ponto de muita importância para nós, moradores”, disse.

Atualmente, as 300 casas ‘pombal’ se modificaram e a maioria se transformou em sobrados. O número de moradores passou para 1,5 mil.

“Costumava levar as crianças com muitas bandeirinhas para a Avenida Fernando Ferrari, para ver presidentes passarem de carro”

MARIA HELENA
VERVLOET POLTRONIERI
Professora



PERFIL Bairro abriga cerca de 1,5 mil moradores, como a professora Maria Helena, residente

FOTO: GABRIEL LORDÉLLO

PERSONAGENS

“Casas eram todas iguais: porta do lado e janela na frente”

“Cheguei a Solon Borges em 1969. Me casei e vim para cá. Já tinha mais de um ano que o bairro tinha sido inaugurado. Na época, não existia quase nada por aqui. Lembro que na atual Praça Odilon Grijó ficava o posto de telefone, que era uma casinha de madeira. Todo mundo ligava de lá. Eu era recém-casada e todos os dias ligava para o meu marido, quando ele ia trabalhar. Isso me marcou muito. Lembro também que tinha muita areia por aqui. As ruas eram estreitas e arenosas. Os carros mal conseguiam passar. As casinhas também era todas iguais: com uma porta do lado e uma janelinha na frente. O bairro foi construído para dar condições de vida digna para as pessoas que moravam em palafitas na Ponte Seca. Em Solon Borges, criei meus dois filhos. Adoro a tranquilidade desse lugar.”

FOTOS: GABRIEL LORDÉLLO
ÁUREA MEDEIROS GOMES
Professora



“Meu comércio recebia 200 crianças por dia”

“Eu vim para Solon Borges em 1975. Logo que cheguei, já transferi o meu negócio de São Roque para o bairro. Em 1991, me aposentei, mas não abandonei o comércio, que era uma espécie de secos e molhados e já teve seus tempos áureos: o maior movimento aconteceu quando a escola Mascarenhas de Moraes ficava aqui do lado. Recebia cerca de 200 crianças por dia. Que tempo bom! Mas mudaram a escola de lugar e, na década de 1980, o supermercado chegou ao bairro, o que ajudou a acabar com o meu movimento. Só não larguei tudo ainda porque aqui é o meu passatempo e minha alegria. É o ponto de encontro dos moradores antigos do bairro.”

MUSSOLINE LUCHI
Comerciante



IMAGEM A EX-PREFEITO DE VITÓRIA

FOI INAUGURADO COM
OMBAL

róquia da Ressurreição. “Sou muito ligada à igreja, que é um ponto de muita importância para nós, moradores”, disse. Atualmente, as 300 casas ‘pombal’ se modificaram e a maioria se transformou em sobrados. O número de moradores passou para 1,5 mil.



“Costumava levar as crianças com muitas bandeirinhas para a Avenida Fernando Ferrari, para ver presidentes passarem de carro”

MARIA HELENA
VERVLOET POLTRONIERI
Professora



PERFIL Bairro abriga cerca de 1,5 mil moradores, como a professora Maria Helena, residente há quase 40 anos.

FOTO: GABRIEL LORDÉLLO

O que vem por aí

TERÇA-FEIRA

Oficinas de música, artes e capoeira

Evitar situações de risco social para crianças e adolescentes de sete a 17 anos, que não têm alternativas de ocupação para o tempo livre. Foi com esse objetivo que, em 1995, surgiu o Projeto Caminhando Juntos (Cajun), que desenvolve ações preventivas e de resgate social. Até o mês de setembro, foram atendidas mais de 400 crianças.

QUARTA-FEIRA

Jardins e praças precisam de reforma

Uma das reivindicações dos moradores de Solon Borges é a melhoria de jardins e de praças, principalmente, as Professor Collares Júnior e Cacilda C. Schuabe. Os canteiros não têm plantas ornamentais, grades de proteção e nem placas, sinalizando a proibição de passeio de cães.

QUINTA-FEIRA

Alfaiate há mais de cinco décadas

São 67 anos idade e vitalidade, sendo 56 deles dedicados à alfaiataria. Essa é a história de seu João Nicácio Filho, escolhido pelos moradores de Solon Borges como um dos orgulhos do bairro, onde mora há 40 anos.

SEXTA-FEIRA

Comerciantes contam suas trajetórias

Há 38 anos, Antônio Carlos Leão Viana resolveu ter o próprio negócio e montou uma espécie de secos e molhados em Solon Borges, Vitória. Durou um ano a experiência de empresário, mas ele precisou voltar a ser assalariado. Ele não desistiu e depois de 28 anos juntando dinheiro, agora tem uma agência de turismo.

SÁBADO

Aprenda a andar pelo bairro

Mapa ilustrado traz o traçado de ruas, itinerário de ônibus e a localização de serviços de utilidade pública, como escolas e unidade de saúde, além de igrejas, quadra de esportes, obras sociais e comércio em geral, como oficinas e farmácias.



“Meu comércio recebia 200 crianças por dia”

“Eu vim para Solon Borges em 1975. Logo que cheguei, já transferi o meu negócio de São Roque para o bairro. Em 1991, me aposentei, mas não abandonei o comércio, que era uma espécie de secos e molhados e já teve seus tempos áureos: o maior movimento aconteceu quando a escola Mascarenhas de Moraes ficava aqui do lado. Recebia cerca de 200 crianças por dia. Que tempo bom! Mas mudaram a escola de lugar e, na década de 1980, o supermercado chegou ao bairro, o que ajudou a acabar com o meu movimento. Só não larguei tudo ainda porque aqui é o meu passatempo e minha alegria. É o ponto de encontro dos moradores antigos do bairro.”

MUSSOLINE LUCHI
Comerciante

